

JEAN DE VILLENEUVE: A PRIMEIRA FÁBRICA DE FUNDIÇÃO DE CARACTERES EM PORTUGAL, LISBOA.*

Antero Ferreira**

* Texto (sub-capítulo) da tese de doutoramento “Officina Álvares Ribeiro: uma família de editores, impressores, livreiros e papelheiros no Porto, nos séculos XVIII, XIX e XX”, a ser apresentada em 2002 na Universidade de Barcelona. A tese é orientada [Director] pelo professor doutor Enric Tormo i Ballester (FBAUB) e co-orientada pela professora auxiliar Maria Beatriz Gentil Penha Ferreira (FBAUP).

** Designer gráfico, investigador, professor assistente da Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto (Departamento de Design) e doutorando da Facultat de Belles-Arts da Universitat de Barcelona.

Villeneuve troca Paris por Lisboa

Jean de Villeneuve terá nascido entre a última década do século XVII e a primeira década do século XVIII, na cidade de Paris. A primeira informação sobre a relação de Villeneuve com a actividade da fundição de caracteres aparece em meados de 1722, quando o duque d’Orléans, ordenado pelo rei Louis XV, pede ao abade Bignon¹ que mande gravar caracteres Hebraicos para a “Imprimerie Royale du Louvre”. Bignon (n. 1662) encarrega Villeneuve, gravador de punções Orientais no “Louvre”, de executar o pedido que recebera, mandando fundir e gravar quatro corpos diferentes desta língua.² Villeneuve executa as gravações sob a direcção de M. de Fourmont (m. 1742).³

Villeneuve, que seria amigo e colega do gravador Pierre Massart de Rochefort (1675–1740), ambos ao serviço da Imprensa Real do Louvre, ou por estarem a ser pouco ou mal remunerados, ou a pedido de algum ministro ou do embaixador português do rei D. João V (1689–1750), ou ainda pelas notícias que corriam sobre a pujança económica da nova corte portuguesa, decidem partir para Lisboa por volta de 1725.

Villeneuve teria já estado em Portugal?

Dez anos antes (1715) saía o primeiro anúncio ou aviso⁴ num periódico português,⁵ que, curiosamente, dizia o seguinte: “*Faz-fe avifo às peffoas curiosas da lingua Franceza haver chegado a esta Corte ha pouco tempo, hum efrangeyro appellidado De Ville neufve Francez de nafcimento, natural da Cidade de Pariz, o qual falla linguas Latina, Alemãa, Italiana, Castelhana, & Portugueza; & tem hum methodo muyto facil para enfinar em pouco tempo a toda a forte de peffoas; ainda às de cinco para feis annos, as que quizerem fervirfe do feu preftimo fe pôdem encaminhar a cafa de Manoel Diniz livreyro na rua da Cordoaria velha.*”

Villeneuve de apelido, francês, natural de Paris e “chegado a esta Corte” (Lisboa), são fortes indícios que nos levam a acreditar tratar-se do nosso homem. Sabendo ainda que morreu em Lisboa em 1777 com idade avançada,⁶ Villeneuve deveria ter cerca de 20/25 anos, o que não é de todo impossível de acreditar, que tendo chegado a Lisboa à procura de trabalho e estando ligado às letras, o ensino das línguas (principalmente, as línguas latinas) se perfilasse como a actividade mais lógica para um novo início de vida profissional. Teria Villeneuve vindo a Portugal ver como “paravam as modas”, voltando a Paris e regressando novamente em 1725?

Os primeiros caracteres Villeneuvianos

Partindo da hipótese que Villeneuve chegou a Lisboa por volta de 1715, passados quinze anos (c. 1730), o abade Bignon recebe da mão da esposa de Villeneuve, uma prova impressa com caracteres que Jean de Villeneuve teria impresso em Lisboa pela primeira vez.⁷

Porque que razão terá Villeneuve enviado esta prova a Bignon? Simplesmente poderemos deduzir, tratar-se de uma questão de afectividade profissional, pois Bignon era o responsável pela

equipa da qual Villeneuve fazia parte, comissionada pelo rei Louis XIV, para criarem os caracteres *Romain du Roi*, e Villeneuve, sentiu-se na obrigação de dar a conhecer o que estava a realizar em Lisboa, ou até, numa tentativa muito subtil de tentar recuperar ou reaver os dinheiros que ficou por receber e que motivaram a procura de um novo mercado para desenvolver a actividade para que estava vocacionado.

Segundo James Mosley, Villeneuve recebeu uma ordem para fundir caracteres Hebraicos para a “Imprimerie Royale”, que cremos ter iniciado esta tarefa ainda em Paris e terminado em Lisboa, mas de que nunca terá recebido o respectivo pagamento, pressionando o seu cliente para receber, como comprova a carta de 1735 enviada por Villeneuve a Bignon, e da qual não obteve resposta.⁸

A Academia Real de História Portuguesa contrata Villeneuve

Com o florescer das Academias de História em França e em Espanha, e com a ascensão em Portugal de D. João V ao trono (1706), o Rei Magnânimo, “grande protector das artes”, funda a 8 de Dezembro de 1720 a Academia Real da História Portuguesa. A nobreza, o clero culto e os intelectuais encontram-se entre os principais contribuidores do espírito desta Academia, que tinha como principal objectivo realizar a “história eclesiástica destes Reinos e depois tudo o que pertencesse à história delles e de suas conquistas”. Entre os dinamizadores deste patriótico desejo encontravam-se o marquês de Alegrete, os condes da Ericeira e de Vilar Maior, Martinho de Mendonça de Pina e Proença e o padre D. Manuel Caetano de Sousa. A igreja marcou forte presença na Academia através de outros religiosos, jesuítas, oratorianos, dominicanos, cisterciences e agostinhos, que ajudaram à publicação de obras de carácter historico-eclesiástico.

O ressurgimento da tipografia em Portugal está ligado à então bem equipada oficina tipográfica da Academia, de onde saíram dos seus prelos excelentes obras académicas, impressas pelos melhores oficiais compositores, impressores, fundidores de tipo e gravadores, que entretanto, sabendo dos desejos de D. João V em elevar as artes portuguesas, chegavam a Lisboa pondo as suas hábeis mãos ao serviço da Academia.⁹ Entre os mais famosos, poderemos apenas citar os pintores-gravadores Giorgio Domenico Duprà, Pierre-Antoine Quillard (1701?–33), Pierre Massart de Rochefort (1675–1740), Guilherme Debrie e Antoine-Michel Padeloup (1685–1758), o célebre encadernador e dourador da corte de Louis XV. Jean Padeloup, um dos filhos de A. M. Padeloup, foi mestre encadernador, e também trocou a França por Portugal, vindo para Lisboa como “encadernador ordinário do rei de Portugal” (1753).

Em 1732 a Academia contrata um artista francês de méritos comprovados, o fundidor e gravador punccionista Jean de Villeneuve, com a necessidade de se fundir novos e exclusivos caracteres, com que se iriam dar à luz as importantes obras da Academia Real da História Portuguesa. Villeneuve não hesita e aceita o desafio.

O primeiro tratado português sobre a origem da arte de imprimir

Seria em 1732 que Portugal veria o primeiro opúsculo sobre a arte tipográfica ser impresso. Desenhados (?), fundidos e gravados pelo próprio Villeneuve, impressos por José António da Silva (impressor régio da Academia) e com vinhetas gravadas a buril por Pierre de Rochefort, que terá chegado a Portugal por volta de 1725,¹⁰ este curioso e raro opúsculo, como citou Inocêncio Francisco da Silva,¹¹ de formato 4º de 12 páginas contendo três vinhetas, apresenta-nos uma abordagem às origens da tipografia e à sua introdução em Portugal.¹²

Não menos curiosa, é a sua mensagem introdutória com que se dirige ao monarca e que passamos a transcrever: *SENHOR: COM a generofa protecção de VOSSA MAJESTADE não fô renafcem em Portugal as Letras, mas agora pode dizerfe q nafcem; pois fem as q eu venho a introduzir nos dilatados dominios de VOSSA MAJESTADE, não podiam as outras propagarfe, e fazeresfe eternas, fendo os bronzes, em q eu as deixo gravadas, as primeiras formas para as eftatuas, e para as Infcripçoens, q VOSSA MAJESTADE merece como Heroe, de quem os Sabios da*

Academia Real haõ de efcrever a Hiftoria, q fe há de imprimir com eftas minhas letras, fe o feu grande Character podefe defcreverfe, e efcreverfe em Characteres tam pequenos. Attrahido pela fama q com verdade pinta a VOSSA MAJESTADE por toda Europa fegundo Augufto no feculo litterario de Portugal, fem valerme de outro Mecenas, vim bufcar a felicidade de fer fubdito feu, deixando Paris por Lifboa para introduzir nela a incognita, e utiliffima Arte de fundir, e gravar as Matrises, e Punçoens, deque fe ferve a maravilhoza Arte Typografica, e q até agora ou fe mandavam vir de fóra do Reyno, faindo delle confideravel cabedal, ou fe uzava das imperfeitas, e gaftadas com o tempo, fem poder aperfeiçoarfe por eíta caufa as ediçoens dos melhores Livros: como em Europa há tam poucos Artifices deíta minha manufactura, he crível, q venhão a Portugal procuralla dos Reynos mais vizinhos, convertendose o damno em publico beneficio. Teve VOSSA MAJESTADE, SENHOR, com a fua alta comprehençãõ tam prompto conhecimento deíte meu zelo, q logo o remunerou com huma penfaõ, e o q he mais, o admittio, e honrou com o feu Real agrado: para o naõ defmerecer, offereço aos pes de VOSSA MAJESTADE alguns indicios das letras q tenho fabricado, eftando prompto para fazer as outras, fem me intimidarem as Hebraicas, Gregas, e Arabigas, q fam taõ precisas para as doutas differtaçoens da Academia, e para perpetuar os monumentos originaes, q neftas, e outras Lingoas fe confervaõ em todo o dilatado Imperio de VOSSA MAJESTADE pelas quatro partes do mundo. Efpero, SENHOR, q nem a ociozidade, nem a diftracção me façãõ indigno da benevolencia de VOSSA MAGESTADE, q procurarei naõ defmerecer em quanto a Vida me durar. Joaõ de Villeneuve.

Esta obra ainda segundo Inocêncio Francisco da Silva, teve uma segunda prova (18 de Janeiro de 1732),¹³ seguindo-se uma terceira (1733) com o seguinte título: *Prova terceira, dos dous characteres, que por ordem do excellentissimo senhor Marquez de Alegrete, do conselho de Sua Majestade, seu gentil homem da camara, e secretario perpetuo da Academia Real da Historia Portugueza, tem feito João de Villeneuve, abridor de Sua Majestade e da mesma Academia Real.*

Esta terceira prova, sem indicação da tipografia, de formato 4º grande ou fôlio, continha 12 páginas não numeradas, onde constava alocações nas línguas latina, castelhana, francesa e portuguesa, dirigida ao rei, à rainha, ao príncipe e princeza do Brasil, e aos membros da Academia.

A primeira fábrica de fundição de caracteres em Portugal

Com o patrocínio real de D. João V, Villeneuve recebe então o encargo de dar início à pioneira indústria de gravação e fundição de caracteres nacionais, ficando a dita fábrica adstrita à Junta do Comércio¹⁴ e a funcionar nas instalações da Academia.

Sobe a sua direcção, Villeneuve inicia assim a desconhecida (entre nós) e utilíssima arte de fundir e gravar as matrizes e punções, de que se iriam servir os prelos da Academia, assim como as principais oficinas tipográficas portuguesas.

Anos de decadência

Em 1755, Lisboa é atingida pelo fatídico terramoto que deixou a cidade num indescritível caos. Por coincidência ou não, em 26 de Agosto de 1756, sai um decreto que autoriza a admissão por dez anos livre de direitos, de toda a letra que fosse mandada vir do estrangeiro pelas oficinas tipográficas. F. Pereira e Sousa, num artigo publicado no jornal *O Gráfico*¹⁵ chega a afirmar que “Semelhante providência, mormente tomada por um governo que tinha tanto a peito fomentar a indústria nacional, faz persuadir que ou a fábrica de João de Villeneuve interrompera a sua laboração, ou não estava em condições regulares para suprir ainda as mais limitadas necessidades do consumo de então”.

A fábrica de Villeneuve é anexada

Em 1768, durante o reinado de D. José I, o seu primeiro-ministro, o marquês de Pombal, dá início a reformas em diversas áreas e actividades económicas com o objectivo de organizar, concentrar e

controlar as mesmas. Ainda sob a direcção de Villeneuve, Pombal decide por decreto (Artigo n.º 9 do alvará) anexar a Fábrica de Fundição de Caracteres, criando a Impressão Régia, antecessora da actual Imprensa Nacional de Lisboa. Villeneuve continua a dirigir a fundição de caracteres, agora como mestre da fundição de tipos, residindo nas instalações¹⁶ até 1774, altura em que se aposentou com uma pensão anual de 80\$000 réis.

Morre em Lisboa, com idade muito avançada, entre Julho e Setembro de 1777.

Notas

¹ O abade Jean-Paul Bignon, nasceu a 19 de Setembro de 1662, foi o segundo filho de Jérôme & de Suzanne Phélypeaux de Pontchartrain. Defendeu a sua tese de teologia perante Bossuet. Em 1691, seu tio, o duque de Pontchartrain, que era Controlador Geral das Finanças, convida-o a deixar a ordem dos “Oratoriens” para o ajudar na gestão dos assuntos eclesiásticos. Passado algum tempo, confia-lhe a direcção das Ciências & Letras, ligação que lhe permite relacionar-se com a Academia da Pintura, Academia das Inscrições e a Academia das Ciências & Imprensa Real, na execução das Medalhas de Louis XIV. Chegou a fazer parte de um comité composto por importantes académicos e artistas célebres, entre os quais, Jacques Jaugeon, père Sébastien Truchet e Anisson, que era conhecida pela “Commission Bignon”.

² Archives nationales, série M. Mélanges, M 802, *Ordonnances, édits, lettres patentes et pièces concernant l’Imprimerie Royale et divers métiers, XVI–XVIII siècle*. Paris: BNF, 1789?

³ Paul Dupont in *Histoire de l’Imprimerie*. Vol. 2. Paris, 1854. p. 467

⁴ Segundo Alfredo da Cunha in *Elementos para a história da imprensa periódica portuguesa; 1641–1821*, Lisboa 1941, p. 73, este anúncio ou aviso, como se dizia na época, foi o primeiro a aparecer num periódico português, mais precisamente em 31 de Agosto de 1715, no n.º 2 da *Gazeta de Lisboa*.

⁵ A *Gazeta de Lisboa* era um periódico semanal, que surgiu em 10 de Agosto de 1715 “...com as licenças necessárias, & Privilegio Real, concedido novamente a António Correia de Lemos...”, e impressão a cargo de Pascoal da Silva. Este periódico foi dos que gozaram de maior longevidade em Portugal perdurando até 1833 apesar de ter tido diversas interrupções e transformações.

⁶ *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 36, Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, s/d. p. 135

⁷ In *Fournier on typesetting*, vol. 1, Londres 1999, p. 377, o autor James Mosley afirma que em 1722 Villeneuve recebeu uma ordem da “Imprimerie Royale” [Paris] para fundir quatro corpos diferentes de [caracteres] Hebraicos. Acrescenta que, apenas em 1838, estes caracteres seriam localizados (cit. obra de F. A. Duprat). Diz ainda que existe na Biblioteca Nacional de Paris [Réf. Atlas Q. 21], uma folha impressa de um só lado, contendo o seguinte texto: “Senhor. João de Villeneuve oferece a Vossa Majestade neste Character a obra que fez em Lisboa depois que chegou a esta Corte...”. No verso da folha, existe um texto manuscrito e assinado pelo abade Bignon, que passamos a transcrever: “*Ce feuillet m’a été remis aujourd’hui par la femme du S.r de Villeneuve qui a cydevant gravé pour l’Imprimerie Royale des Caracteres Hebraïques et qui n’ayant pu continuer le même Ouvrage en France, et n’ayant même été payé qu’avec les plus grandes peines de ce qu’il avoit fait, s’est laissé attirer par le Roy de Portugal qui veut faire fleurir l’Impression dans ses Etats: Cette feuille étant imprimée sur les 1.ers Caracteres que le S. Villeneuve y a gravés. Fait à Paris le 29 Novembre 1730. L’abbé Bignon.*”

⁸ In *Fournier on typesetting*, vol. 1, Londres 1999, p. 377, James Mosley cita ainda que a última carta de Villeneuve, datada de 1735, está endossada “não respondida”. [BNF, Ms. Nouv. Acq. Fr. 5843, pp. 48 et seq. (48–51)]

⁹ Rui Canaveira in *História das artes gráficas: dos primórdios a 1820*, Lisboa 1994, vol. 1. p. 106

Ernesto Soares in *Dicionário de gravadores portugueses e dos estrangeiros que trabalharam em Portugal*. Vol. 1. Lisboa: Arquivo Histórico de Portugal, 1937. p. 19

¹⁰ In *La réforme de la typographie royale sous Louis XIV: le Grandjean*, Librairie Paul Jammes, Paris 1961, André Jammes cita os caracteres “Romain du Roi”, inicialmente gravados, entre 1693–99, por Philippe Grandjean (1666–1714), e continuados, após a morte de Grandjean (1714), pelo seu discípulo Jean Alexandre que continuou a trabalhar na série e, a seguir, o genro de Alexandre, Louis René Luce (m. 1773), também nela trabalhou, até que ela acabasse, em 1745. Os gravadores Louis Simonneau (1654–1727) e Pierre de Rochefort (1675–1740), entre 1716 e 1718, colaboraram neste projecto gravando algumas chapas de cobre. pp. 8 e 37

¹¹ Inocêncio Francisco da Silva in *Diccionario Bibliographico Portuguez*, vol. 7, Lisboa 1862. p. 23

¹² João de Villeneuve, *Primeira origem da arte de imprimir dada a lus pellos primeiros caracteres que Joaõ de Villeneuve formou para ferverço da Academia Real da Historia Portugueza. dedicada a el Rey Dom Joaõ V feo Auguftissimo Protector*. Lisboa Occidental. Na Officina de Joseph Antonio da Sylva, impreffor da Academia Real. MDCCXXXII. [texto transcrito do rosto da 1.ª prova]

¹³ In *Bibliotheca Typographica*, Maggs Bros., London 1928, cat. n.º 509, ref. n.º 379.

¹⁴ A Real Junta do Comércio foi criada em 1755.

¹⁵ F. Pereira e Sousa in jornal *O Gráfico*, n.º extraordinário, Lisboa, Maio de 1945. p. 8

¹⁶ As instalações da Imprensa Régia foram fixadas no palácio solar de D. Fernando Soares de Noronha, no lugar da Cotovia, em Lisboa. Ver citação in *Breve notícia da Imprensa Nacional de Lisboa*, 1869. p. 7

Observações

Por razões técnicas não nos foi possível transcrever [conforme os originais] alguns dos textos citados neste artigo, substituindo os “s” longos por “f”, assim como, alguns “q” deixaram de levar o respectivo “~”.

Bibliografia específica

- AA. *Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva*. 2.^a edição. Lisboa, 1999. p. 220
- AA. *Imprensa Nacional de Lisboa: actividade de uma casa impressora, 1768–1800*. Vol. 1. Lisboa: IN–CM, 1975.
- AA. *Tesouros da Biblioteca Nacional*. Lisboa: Edições INAPA, 1992. p. 210
- ARAUJO, N. de & MENDES, A. P. *Aspectos da tipografia em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1914. pp. 19 e 24
- BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE. Archives nationales, série M. Mélanges, M 802 (séculos XVI–XVIII), Dossier 1, Imprimerie royale. Paris: BNF, 1789?
- . Carta de Villeneuve a Bignon, endossada “não respondida”, Paris: BNF, 1735. [Ms. nouv. acq. fr. 5843. pp. 48–51]
- . Manuscrito do abade Bignon anotado no verso de uma prova de Villeneuve. Paris: BNF, 1735. [Rés. Atlas Q. 21]
- CABRAL, Luís & MEIRELES, Maria Adelaide. *Tesouros da Biblioteca Pública Municipal do Porto*. Lisboa: Inapa, 1999. pp. 181–182
- CANAVEIRA, Rui. *História das artes gráficas, dos primórdios a 1820*. Vol. 1. Lisboa: APIGTP, 1994. pp. 107 e 109–110
- . *Dicionário de tipógrafos famosos*. 2.^a edição. Lisboa: Agora Publicações, 1998. p. 98
- CANHÃO, Manuel. *Os caracteres de imprensa, e a sua evolução histórica, artística e económica em Portugal*. Lisboa/Porto/Coimbra: Grémio Nacional dos Industriais de Tipografia e Fotogravura, 1941. pp. 23–25 e 29–31
- CUNHA, Alfredo da. *Elementos para a história da imprensa periódica portuguesa, 1641–1821*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. 1941. pp. 73–74 e 291
- DUPONT, Paul. *Histoire de l’Imprimerie*. Vol. 2 [Paris, 1854]. Hants: Gregg International Publishers, 1971. p. 467
- DUPRAT, F. A. *Histoire de l’Imprimerie Impériale de France*. Paris: Imprimerie Impériale, 1861. pp. 86–87
- FARINHA, Ramiro. *Imprensa Nacional de Lisboa: sinopse da sua história, 2.º centenário 1768–1968*. Lisboa, 1969. pp. 8 e 10
- FERREIRA, Antero. “Jean de Villeneuve, graveur de poinçons et fondeur de caractères: la première fonderie de caractères du Portugal” [2000]. *Typografische Monatsblätter–Revue suisse de l’imprimerie*. Zürich: TM-RSI, n.º 3, 2001. pp. 1–9
- GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Vol. 36. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, s/d. p. 135
- IMPRESA NACIONAL. *Breve notícia da Imprensa Nacional de Lisboa*. Nova edição. Lisboa: IN, 1869. p. 7
- JAMMES, André. *La réforme de la typographie royale sous Louis XIV: le Grandjean*. Paris: Editions Promodis, 1985. pp. 8, 18–19, 35 e 37
- MAGGS BROS. *Bibliotheca Typographica*. Catálogo n.º 509, 1.^a parte. London: Maggs Bros., 1928. pp.60 e 63
- MATOS, Manuel Cadafaz de. “Jean de Villeneuve, arte negra parisiense setecentista e o seu contributo à renovação da arte tipográfica joanina” in *3.º centenário do nascimento de D. João V* [texto policopiado]. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1989.
- MOSLEY, James. *The Manual Typographique of Pierre-Simon Fournier le jeune: Fournier on typesetting*. Vol. 3. Darmstadt, 1995. pp. 279 e 377
- PEDRO, Manuel. *Dicionário técnico do tipógrafo*. Porto: Imprensa Moderna, 1948. p. 74
- PEIXOTO, Jorge. “História do livro impresso em Portugal” in *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, anos X–XII, n.º 37–48, 1964–66. Coimbra: Atlântida, 1967. pp. 16–17
- RIBEIRO, José Vitorino. *A Imprensa Nacional de Lisboa: subsídios para a sua história, 1768–1912*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1912. pp. 7, 9, 12 e 14
- SAMPAIO, Albino Forjaz de. *História da literatura portuguesa ilustrada*. Vol. 3. Lisboa: Livraria Bertrand, 1932. pp. 265–266
- SANTOS, António Ribeiro dos. *Memórias de litteratura portugueza*. Vol. 8, 2.^a edição. Lisboa: Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1856. p. 11
- SILVA, Inocêncio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. vol. 7 [1862]. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858–1924. pp. 23–24
- SOARES, Ernesto. *História da gravura artística em Portugal: os artistas e as suas obras*. Nova edição, Vol. 2. Lisboa: Livraria Samcarlos, 1971. pp. 530–531
- . *Dicionário de gravadores portugueses e dos estrangeiros que trabalharam em Portugal*. Vol. 1. Lisboa:

- Arquivo Histórico de Portugal, 1937. pp. 19–21
- SOUSA, F. Pereira e. “Da tipografia em Portugal” [IV]. Lisboa: jornal *O Gráfico*, n.º extraordinário de Maio, 1945. p. 8
- UPDIKE, Daniel Berkeley. *Printing types*. Vol. 1. Massachusetts: Harvard University Press, 1962. p. 253
- . *Printing types*. Vol. 2. Massachusetts: Harvard University Press, 1962. pp. 186–87 e extratexto 327
- VILELA, António. *Prontuário de artes gráficas*. Braga: Editora Correio do Minho, 1998. p. 326
- VILLENEUVE, João de. *Senhor: Joaõ de Villeneuve offerece a Vossa Majestade neste Caracter a obra que fez em Lisboa depois que chegou a esta Corte [...]*. Lisboa, 1730? BNF, Rés. Atlas Q. 21. [verso da folha contém texto manuscrito pelo abade Bignon).
- . *Os Caracteres, que Joaõ de Villeneuve formou para serviço da Academia Real da Historia Portugueza*. Lisboa, c. 1732. [fólio impresso de um só lado, Londres: Maggs Bros, cat.509, ref. n.º 380, 1928]
- . *Primeira origem da arte de imprimir dada a lus pellos primeiros caracteres [...]*. Na Officina de Joseph Antonio Da Sylva, impreffor da Academia Real. Lisboa Occidental, 1732. [1.ª prova, Londres: Maggs Bros, cat.509, ref. n.º 379, 1928]
- . *Primeira origem da arte de imprimir dada a luz pelos primeiros caracteres [...]*. 2.ª prova. Na Officina de Joseph Antonio Da Sylva, impreffor da Academia Real. Lisboa Occidental, 1732. [BNL, H.G. 5270 A.]
- . *Primeira origem da arte de imprimir dada a luz pelos primeiros caracteres [...], Prova terceira, dos dous Caracteres, que por ordem do excellentissimo senhor Marquez de Alegrete, do conselho de Sua Majestade, seu gentil homem da camara, esecretario perpetuo da Academia Real da Historia Portugueza, tem feito Joaõ de Villeneuve, abridor de Sua Majestade e da mesma Academia Real*. Lisboa, 1733 [sem indicação de tipografia].
- . *Jurando ElRey D. JOAO o V. a puriffima Coceição da Virgem Maria noffa Senhora no mefmo acto, em que a Academia Real fes este juramento: SONETTO [...]*. Lisboa, 1736. [BNL, L. 1751 // 13 V.]

Legendas das imagens

- 1 — Pormenor de última página da *Gazeta de Lisboa*, onde saiu no rodapé, o primeiro anúncio ou aviso.
- 2 — Rosto da prova de caracteres enviada por Villeneuve a Bignon, Lisboa c. 1730. [BNF, Rés. Atlas Q. 21]
- 3 — Rosto da primeira prova do tratado de Villeneuve, 1732. [Maggs Bros., cat. 509, item 379, Londres 1928]

Coroneis da Cavallaria para Traz
dos Mouros.

Eclipse de Sousa de Carvalho.

Sete-filho da Cunha Souto-mayor.

Coroneis para a Infantaria da dita,

Gonçalo Texeira de Mesquita.

Luis Vibia Monteyro.

Coroneis de Infantaria para o Minho;

Jacinto Lopes Tavares.

Joseph de Adello.

Coroneis de Infantaria para o Algarve.

Joseph da Fonseca.

Manoel Freyre de Andrade.

Tenentes Coroneis para a Cavallaria;

Duarte Sedre da Gama Pereira.

Antonio Botelho Mourão.

João Soares Pegado.

João de Roxas de Vasconcellos.

D. Luis Botelho.

Antonio Pinheiro de Magalhães.

Joseph Pimenta Ellaga.

Leonardo de Torres.

Manoel Nunes Leytas.

D. Joseph Gomes Belorado.

Sargentos mayores para a Cavallaria.

Antonio da Rocha Pacheco.

D. Lourenço de Amorim.

Manoel da Costa Pimentel.

Francisco Joseph Sarmiento.

Luis Machado.

João Corderys Fialho.

André Pequeno.

Luis Fialho.

Manoel da Costa.

Antonio Lobo da Cunha.

Tenentes Coroneis para a Infantaria.

Joseph Cattano de Meyreles.

Afonso de Torres da Sylva.

Manoel Ribeiro Atalaja.

Gaspard Klozo.

João Fernandes Nabo.

João de Oliveyra da Fonseca.

Pantaleão Texeira Leal.

Simão dos Santos.

João Gomes de Abreu Barbosa.

Francisco Xavier Pereira.

Duarte Texeira Chaves.

Bento Pereira de Castro.

Manoel Homem Peçoa.

Antonio Soares Diniz.

Pedro Mendez.

Thomé Freyre de Bulboens.

Diogo da Mata Chaves.

Domingos Barbosa da Costa.

Sargentos mayores.

Domingos do Amaral Valente.

Alvaro Joseph de Serpa de Santa mayon.

Manoel Rebello de Mendonça.

Fernando de Mesquita.

Antonio da Sylva Furtado.

Sebastião Pinto.

João da Costa Freyre.

Pedro Pinto.

Manoel Freyre de Brito.

Pantaleão de Oliveyra.

Francisco Texeira de Macedo.

Thomás de França de Lis.

Matthias Coelho de Sousa.

Thomás Henriques de Figueyredo.

Luis Pegado da Sylva.

Manoel de Abreu da Mota.

Sebastião de Seyxas da Fonseca.

Pedro Monteyro de Macedo.

Joseph da Costa.

Francisco Alveres Velozo.

Faz-se aviso ás pessoas curiosas da lingua Françeza a ver chegado o esta Corte ha pouco tempo, hum estrangeyro appellidado De Ville neuve Françez de nascimento, natural da Cidade de Paris, o qual falla linguas Latina, Alemã, Italiana, Castelhã, e Portuguezã; e tem hum methodo muyto facil para ensinar em pouco tempo a toda e sorte de pessoas; ainda às de cinco para seis annos, as que quizerem servir-se do seu prestimo se podem encaminhar a casa de Manoel Diniz livreyro na rua da Cordoaria velha.

Em LISBOA, Com as licenças necessarias, & Privilegio Real, novamente concedido a Antonio Correa de Lemos.

Vende-se em casa de Manoel Diniz livreyro à Cordoaria Velha.

SENHOR

Joaõ de Villeneuve offerece a VOSSA MAGESTADE neste *Character* a obra que fez em Lisboa depois que chegou a esta Corte, como feudo do seu reconhecimento a grandeza e honra, que VOSSA MAGESTADE lhe fez dando-lhe huma pensão, de cuja mercê cuidará muito fazer-se digno, pondo em execução as obras que se lhe ordenarem, paraque VOSSA MAGESTADE se satisfaza vendo as *impressões deste Reyno* perfeitas, paraque os livros que nelle se compoem, não só publiquem a grandeza com que VOSSA MAGESTADE protege as *Ciencias*, mas tambem as *Artes*, paraque o seu feliz Reynado se pareça em tudo com o de AUGUSTO CESAR.

PRIMEIRA ORIGEM DA ARTE

DE IMPRIMIR

DADA A LUS PELLLOS PRIMEIROS
CHARACTERES

que Joaõ de VILLENEUVE formou para serviço da ACADEMIA
REAL da HISTORIA PORTUGUEZA.
dedicada a el REY DOM JOAÕ V
seo Auguftissimo Protector.



LISBOA OCCIDENTAL.
Na Officina de JOSEPH ANTONIO DA SYLVA,
impressor da ACADEMIA REAL.
M D C C X X I I.